



Santa Cruz

.....

UMA PRAIA COM POESIA

*Na praia deserta, brincando com a areia,
No silêncio que apenas quebrava a maré cheia
A gritar o seu eterno insulto,
Longamente esperei que o teu vulto
Rompesse o nevoeiro.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias

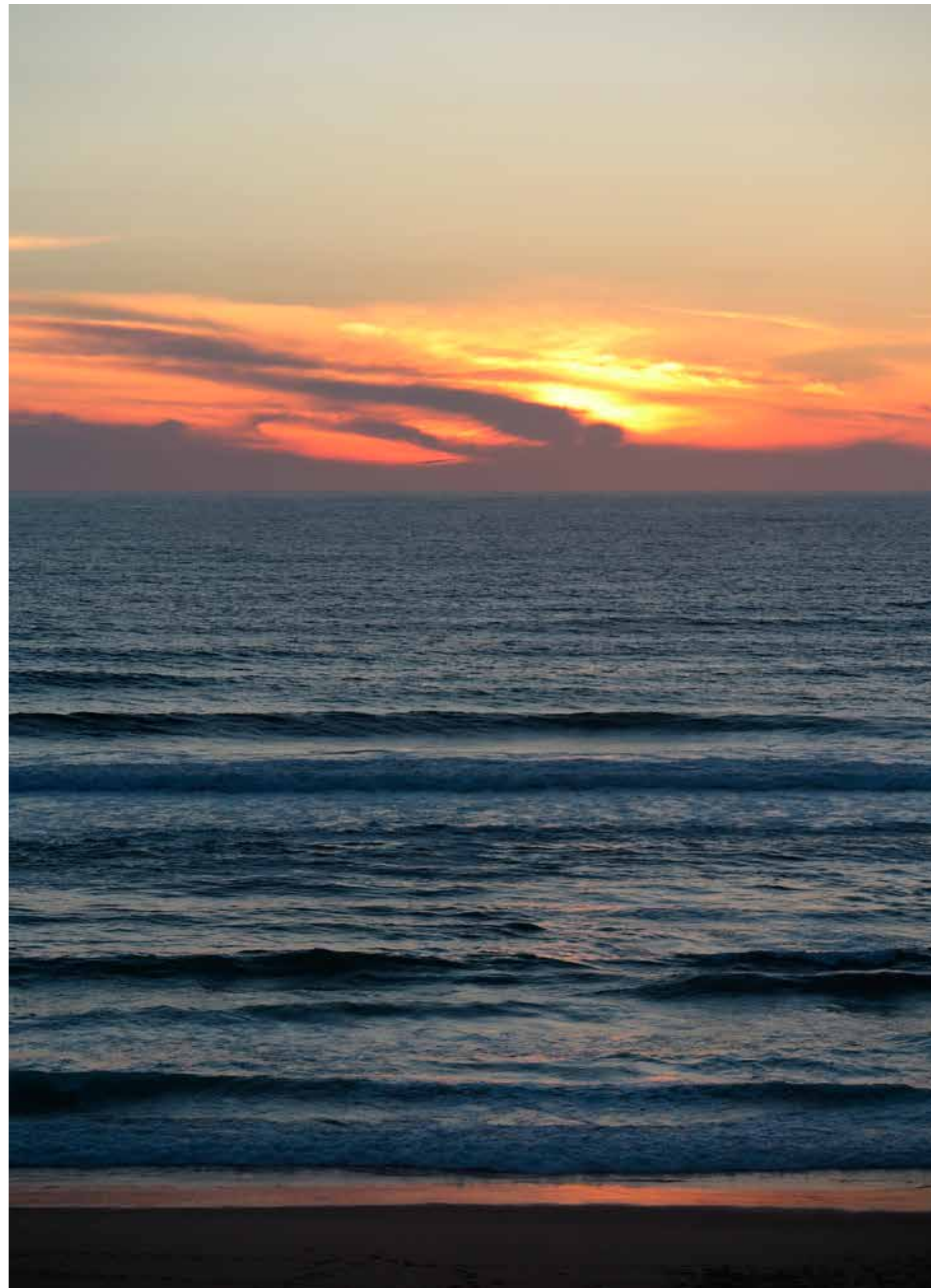


Santa Cruz, uma estância de vilegiatura do oeste português, desenvolveu-se a partir de um povoado de camponeses que viviam da agricultura, tendo nos finais do século XIX, atraído famílias abastadas da capital lisboeta que aqui tinham uma segunda residência, de veraneio, numa altura em que se lançava a moda de “ir a banhos”...

Sob os auspícios da aurora primaveril, o areal Atlântico é sobrevoado por gaivotas, a dirigirem-se para norte, e cujos corpos se assemelham a papéis de prata a planar. As ondas formam-se para logo se desfazerem em espuma, com sabor a sal. Umas mãos, esguias e graciosas, acenam na direção do mar, dançando para mim. Subo as escadas do antigo casino, antevendo a estátua de Quental. Sim, Antero de Quental passou férias em Santa Cruz, corria o ano de 1870. Na companhia do seu amigo Jayme Batalha Reis, aqui permaneceu por dois meses, naquele que foi um dos períodos mais conturbados de toda a sua existência. Intervalava a tradução de Goethe com banhos de mar e longos passeios pelas dunas, ao mesmo tempo que aproveitava para compor alguns sonetos filosóficos, entre os quais se conta *Justitia mater*, no qual cita o mar que tanto o inspirou.



Praia de Santa Cruz - Praia de Banhos





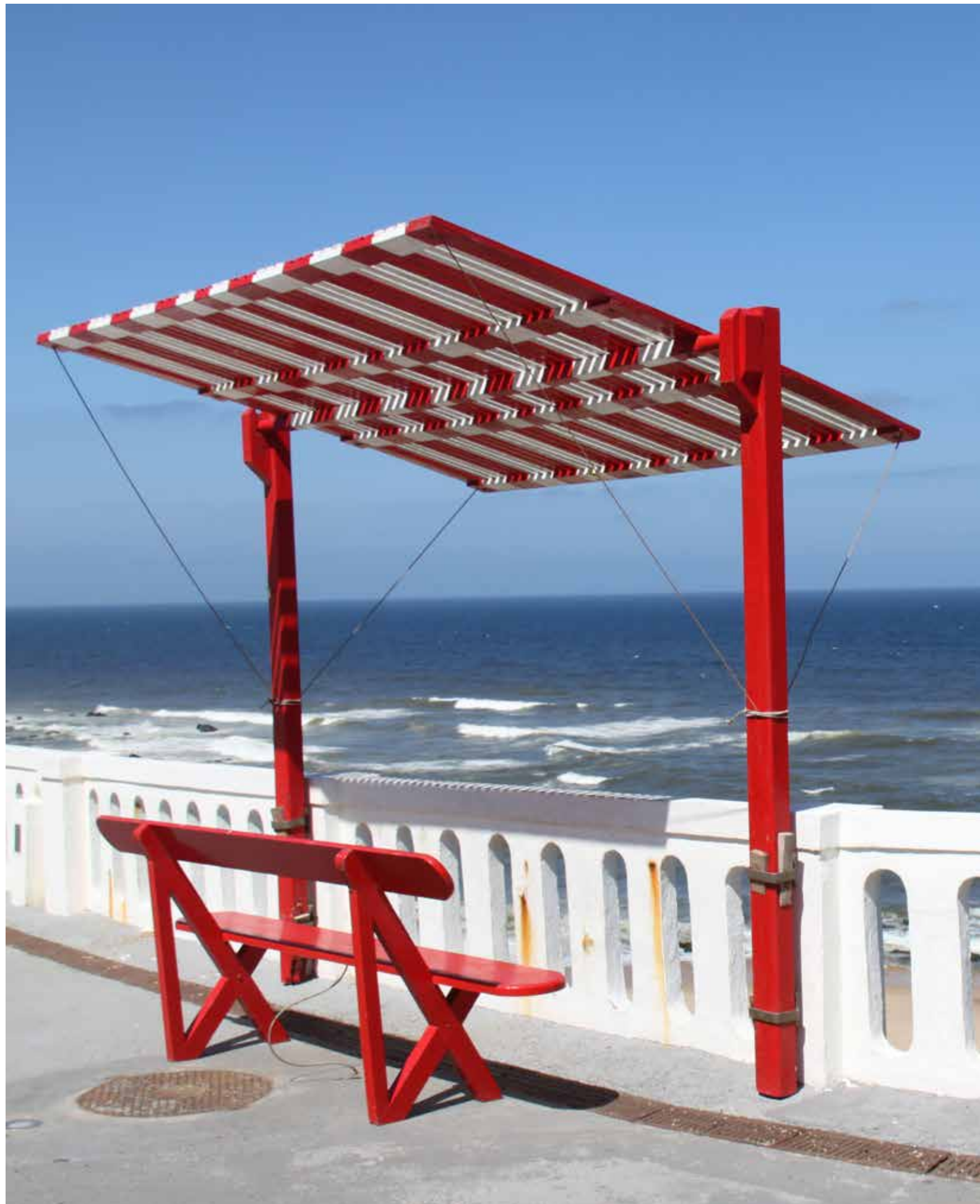
*No mar ouve-se a voz grave e aflitiva
D'um deus que luta, poderoso e inculto.*

Também o famoso escritor-poeta japonês Kazuo Dan, em 1971, elegeu Santa Cruz para viver durante um ano. Na verdade, o japonês imortalizaria o sol poente do lugar, na seguinte frase:

*Sentia a vibração do sol ardente no meu âmagô
e via-o desaparecer por entre as ondas.*

Por meados do verão, o corpo liquidifica-se em maresia. Consoante a vontade, os dias começam cedo ou as noites acabam tarde, iniciando-se ou findando sempre da mesma maneira: ao despontar da sinfonia colorida do novo dia, percorre-se a beira-mar lambida pelo sal; no areal, as gaivotas carimbaram as suas pegadas. Como companhia, o oceano, no seu movimento perpétuo, libertando o melhor perfume do mundo: o da maresia.

É altura de mergulhar as horas diurnas na praia e as noturnas em serões que se prolongam, sedutores, em conversas pontuadas por brindes, afogando-se em gargalhadas arrastadas pela madrugada adentro, e pela

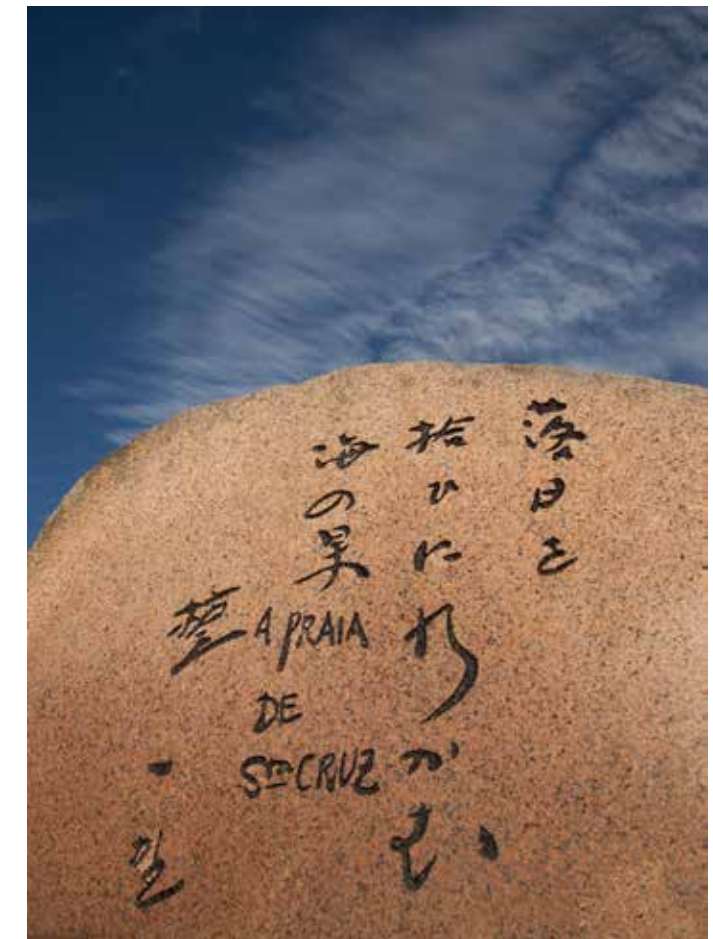


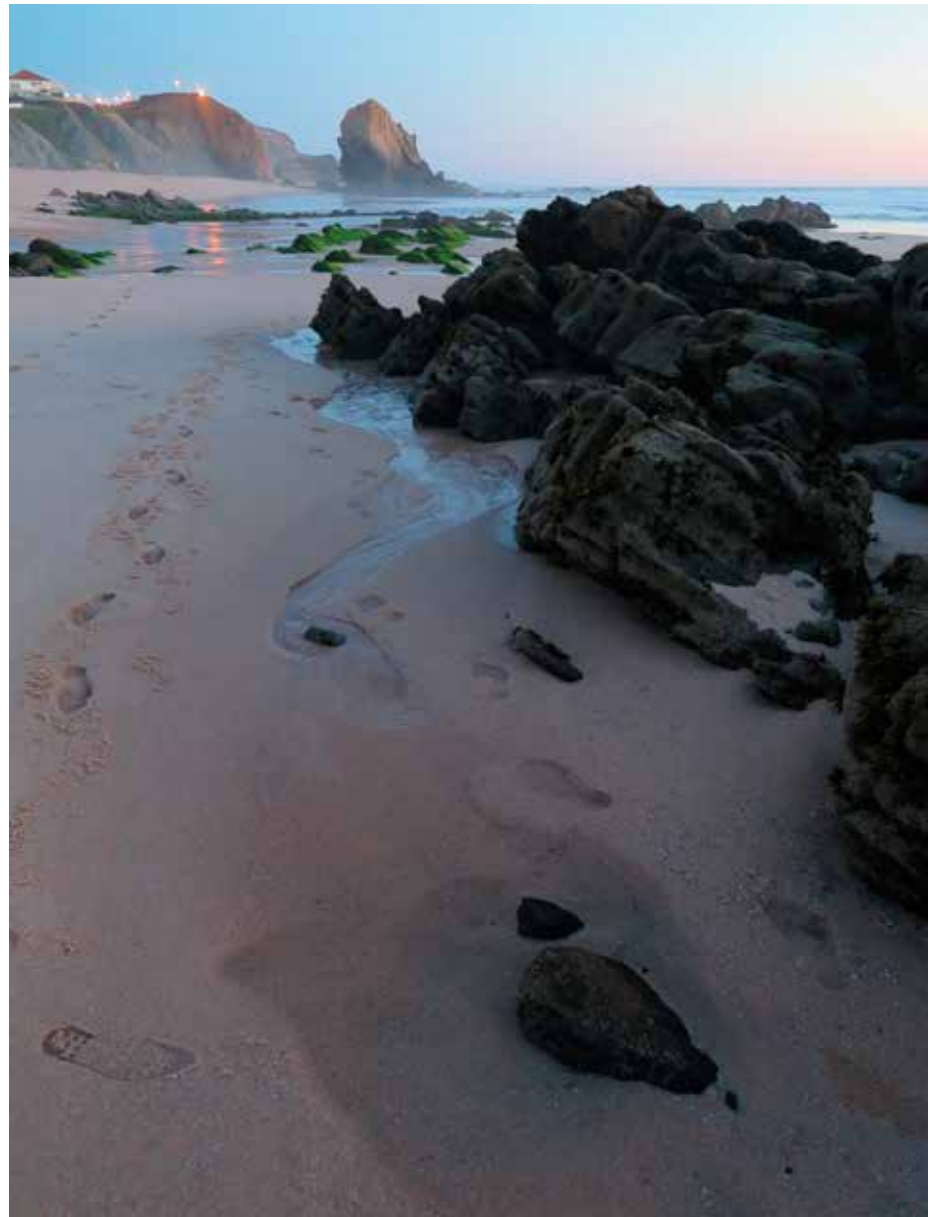
alma afora. Horas de fruição, de riso e inconfidências, de dança e excessos, horas de veraneio, enfim...

Nos passeios pela madrugada, cujo halo da manhã ainda não se desenvolveu, corpos embalados pela brisa repousam sobre o areal, depois de uma noite de dança, frente ao antigo casino. Na verdade, tudo começou em 1903 quando se mandou construir um salão, ponto de encontro da “sociedade” da praia de Santa Cruz, transformando o local, em 1917, num casino, principal polo de atração e logo tornado em casino-restaurante, pertencente à Sociedade Progresso de Santa Cruz Limitada. Aí se realizavam bailes ao som do gramofone, com música fornecida por jazz-bands e bailes organizados à americana. Hoje há uma oferta diversa de bares e discotecas que mostram a passagem do tempo e das modas no divertimento noturno.

No outono, o corpo, languescido por um sol débil, desperta sob o frio do banho atlântico, arrepiando a pele e apagando o bronzeado. O marulhar das águas lampeja sobre os rochedos escuros; as vagas espumam voluptuosidade. O grito agudo de aves ecoa sob o nevoeiro que desce no areal, confundindo o céu e o mar e logo tudo sossega. As rochas, açoitadas pelas ondas e pelo vento, mostram que, em momentos-chave da vida, estamos sempre e irremediavelmente sós.

Por fim, a abóboda celeste plúmbea mergulha no inverno, desmoronando-se em chuva que se confunde no





mar e se cola à pele, transformando-se em duas lágrimas de sal. Sob a maré enchente, contemplo as algas retorcidas a solevarem-se à ondulação, como se o em-bravecido mau-humor do oceano espelhasse as próprias intempéries de cada um. A sul, ergue-se o Alto da Vela, miradouro que se assemelha à proa de um navio avançando sobre o mar, lugar assombrado e cimeiro em suicídios e desgraças.

Em casa, a chuva bate de encontro às vidraças, misturando-se com os salpicos da maré, trazidos pelo vento enfurecido. Desgastados, bocados de passado arrumam-se finalmente no lugar certo, suficientemente contundentes para serem afogados num copo de rum. A fúria do mar enrodilha os pensamentos, turvando-os. A nortada faz-me abraçar a camisola e puxar a gola para o queixo...

De novo... a promessa da primavera. A caminhada prossegue, deixando para trás as pegadas marcadas na areia. De cabelos ao vento, navego no oceano de tinta espalhada sobre o papel.

Uma avioneta sobrevoa a praia. O respetivo aeródromo

foi inaugurado em 1931, trazendo o ruído dos motores aos céus da estância balnear do oeste.

Na vilegiatura da povoação perduram duas silhuetas recortadas a branco e negro: a Torre, mandada construir por Leopoldo Ludovice, à semelhança de uma outra, existente em Florença, habitada depois por um tal Xavier Rodrigues, cuja lenda diz que se enamorou de uma senhora casada, a qual se encontrava hospedada na pensão Miramar, e seria da torre que a espiava, até o marido descobrir; e o contorno do Penedo do Guincho, vulto de pedra que se agiganta no rumor marinho e no esquecimento dos anos, testemunha de momentos que se gravam para a vida inteira...

Permanece o pequeno haiku de Kazuo Dan, tributo à praia poética que lhe ficou no coração, e que se desprende da pedra-monumento e voa levado pelo vento e pela eterna maresia:

*belo Sol Poente
ah Pudesse eu ir buscar-te
lá, ao fim do mar! ●*

